

ENCONTROS, TROCAS E EXPLORAÇÕES: AS RELAÇÕES ENTRE O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DOS BEBÊS

Aline dos Anjos Lima ¹
Jacqueline Silva da Silva ²

LIMA, A. dos. A.; SILVA, J. S. da. Encontros, trocas e explorações: as relações entre o ambiente de aprendizagem e a construção do conhecimento dos bebês. **EDUCERE** – Revista de Educação, Umarama, v. 22, n. 1, p. 85-99. 2022.

RESUMO: As reflexões acerca da seleção de materiais e sua consequente organização para as investigações das crianças, estão cada vez mais frequentes nos ambientes escolares. Nesta perspectiva, o presente artigo decorre de uma pesquisa de mestrado e aborda a importância do ambiente de aprendizagem para a construção do conhecimento de bebês, realizando uma discussão sobre a importância de uma criteriosa seleção, organização e disponibilização dos materiais que compõem o ambiente de aprendizagem, fomentando e apoiando a construção do conhecimento dos bebês, face as suas investigações.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês; Ambiente de aprendizagem; Organização do ambiente de aprendizagem; Materiais; Construção do conhecimento.

MEETINGS, EXCHANGES AND EXPLORATIONS: THE RELATIONSHIPS BETWEEN THE LEARNING ENVIRONMENT AND THE CONSTRUCTION OF BABY'S KNOWLEDGE

ABSTRACT: Reflections on the selection of materials and their consequent organization for children's investigations are increasingly frequent in school environments. In this perspective, this article stems from a master's research and addresses the importance of the learning environment for the construction of babies' knowledge, conducting a discussion about the importance of a careful selection, organization and availability of the materials that make up the learning environment, promoting and supporting the construction of babies' knowledge, in the face of their investigations.

KEYWORDS: Babies; Learning environment; Organization of the learning environment; Materials; Knowledge construction.

REUNIONES, INTERCAMBIOS Y EXPLORACIONES: LA RELACIÓN ENTRE EL ENTORNO DE APRENDIZAJE Y LA CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO DEL BEBÉ

RESUMEN: Las reflexiones sobre la selección de materiales y su consecuente organización para las investigaciones de los niños son cada vez más frecuentes en los entornos escolares. En esta perspectiva, este artículo surge de la investigación de un

DOI: [10.25110/educere.v22i1.20228083](https://doi.org/10.25110/educere.v22i1.20228083)

¹ Mestra em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES) Prefeitura Municipal de Salvador - BA. Av. Avelino Talini, 171, Universitário, Lajeado - RS, CEP: 95914-014.

E-mail: alinedayane19@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0635-9850>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Farroupilha, Porto Alegre - RS, CEP: 90010-150. E-mail: jacqueh@univates.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7199-4047>

maestro y aborda la importancia del entorno de aprendizaje para la construcción del conocimiento de los bebés, llevando a cabo una discusión sobre la importancia de una cuidadosa selección, organización y disponibilidad de los materiales que conforman el entorno de aprendizaje, promoviendo y apoyando la construcción del conocimiento de los bebés, de cara a sus investigaciones.

PALABRAS CLAVE: Bebés; Ambiente de aprendizaje; Organización del ambiente de aprendizaje; Materiales; Construcción del conocimiento.

INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, muito se discute sobre as relações existentes entre ambiente e espaço e suas diretas influências para a construção do conhecimento dos bebês nas instituições escolares. Há décadas passadas, acreditava-se que para crescer e se desenvolver, o bebê necessitava das diretas intervenções dos adultos, os quais a partir de pressupostos higienistas, dedicavam-se aos cuidados corporais e, com o intuito de realizarem os seus afazeres pessoais, ofereciam aos bebês, brinquedos estruturados, ao exemplo de chocalhos, mordedores, pequenas bonecas e/ou carrinhos de plásticos.

Os brinquedos oferecidos aos bebês, geralmente, apresentavam e em algumas situações, muitos ainda apresentam estímulos luminosos e sonoros que possuíam como principal finalidade, fixar-lhes a atenção e evitar-lhes o choro. Dentro da ideia apresentada, tendo em vista a crença de que os bebês necessitavam apenas de cuidados corporais, a efetivação de criteriosos pressupostos higienistas, também sempre se fez presente. Assim, face a crença na demasiada fragilidade da infância e, com o intuito de evitar as enfermidades, os bebês eram bem agasalhados e evitava-se o contato com os objetos que não fossem do seu direto convívio, ao exemplo, dos próprios brinquedos.

Com a realização das pesquisas sobre o cotidiano infantil, sobretudo, a partir das contribuições da sociologia da infância, a luz das ideias de Corsaro (2009) dentre outros estudiosos, reflexões sobre o desenvolvimento das crianças, e conseqüentemente dos bebês, foram ressignificadas. A infância, que antes era concebida como uma fase marcada por ausências, foi ganhando destaque no cenário nacional e internacional, começando-se a pensar sobre a qualidade da educação institucionalizada, para tal faixa etária.

Logo, questões em torno da formação docente, do desenvolvimento infantil, da prática pedagógica, da qualidade do espaço escolar, do ensino e das aprendizagens dos bebês, passaram a integrar o universo docente. Dentre as múltiplas reflexões, muito se discute sobre a função do espaço como um terceiro educador, contudo as contribuições sobre as potencialidades e dos desafios para a construção e organização de um ambiente de aprendizagem para os bebês, é contemporânea.

Nesta perspectiva, distintos estudiosos, ao exemplo de Forneiro (1998), Horn (2004; 2017), Ceppi; Zini (2013) e Rinaldi (2013), dedicaram-se aos estudos sobre o ambiente escolar corroborando com reflexões sobre a sua importância arquitetônica, assim como, acerca dos seus desafios e das suas potencialidades, frente a construção do conhecimento dos bebês. Deste modo, enfatizamos que para além da estrutura física de uma instituição de ensino, faz-se necessário pensar sobre a qualidade, a seleção, a organização e a disponibilização dos materiais que integram o ambiente de aprendizagem, visto que, este último, conforme será abordado ao longo desta produção, nasce a partir dos encontros, trocas e interações entre os sujeitos que o integram.

Considerando que os bebês, na faixa etária deste estudo, possuem a ampliação da linguagem, o desenvolvimento das suas habilidades motoras e a conquista das interações como principais marcos de desenvolvimento, pensar em um ambiente de aprendizagem que fomente a autonomia, promova contextos ricos e interativos, amplie e ressignifique os conhecimentos dos bebês, parece-nos ideal. Isto posto, refletir sobre a importância do ambiente de aprendizagem para a construção do conhecimento de bebês nos possibilita problematizar diferentes questões, as quais estão estruturadas nesta produção em três seções: As relações entre o espaço escolar e o ambiente de aprendizagem; o ambiente de aprendizagem e a construção do conhecimento dos bebês; a importância da seleção e organização de materiais em um ambiente de aprendizagem para os bebês.

O presente trabalho decorre de uma pesquisa de Mestrado em ensino que investigou como o ensino, através da organização de um ambiente de aprendizagem, apoia e fomenta a construção do conhecimento de bebês entre onze meses e um ano e seis meses. Neste contexto, apresenta-se um estudo bibliográfico efetivado com o intuito de realizar uma reflexão mais aprofundada acerca do objeto de estudo da investigação.

DELINEANDO A CAMINHADA

De acordo com Ferreira (2002) as pesquisas definidas a partir de um caráter bibliográfico ou “estado da arte”, possuem o objetivo de apresentar as produções acadêmicas buscando, a partir da temática pesquisada, localizar as dimensões que estão sendo pesquisadas em distintos períodos e instituições de ensino superior. Para a mesma autora, neste tipo de pesquisa, os pesquisadores são motivados a buscarem novos conhecimentos a partir dos estudos já consolidados por outros estudiosos.

As ideias da autora supracitada dialogam com os estudos de Soares (1987, p. 03) que, ao refletir sobre a importância da evolução da ciência e do desenvolvimento do conhecimento, menciona que:

Essa compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses.

Isto posto e, conforme já mencionado, este artigo estrutura-se em torno de uma pesquisa de mestrado, a qual, apesar de não se configurar como um estudo bibliográfico, utiliza-se deste, para a fundamentação e a problematização do tema estudado. Desta maneira, ao logo deste trabalho, será realizada uma revisão de literatura a partir das produções acadêmicas que se dedicam a temática do ambiente de aprendizagem e os seus desdobramentos para a construção do conhecimento dos bebês.

AS RELAÇÕES ENTRE O ESPAÇO ESCOLAR E O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Segundo Forneiro (1998, p. 232) “o termo espaço se refere ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração”. Face a definição apresentada, as reflexões sobre a importância do espaço escolar tornam-se cada vez mais frequentes, sobretudo, nas instituições que se dedicam a da Educação Infantil, visto que ainda de acordo com Forneiro (1998), o espaço não é apenas um local dedicado ao trabalho docente, mas um lugar que a partir da sua organização e das relações entre todos os seus componentes, fomenta e propicia aprendizagens.

Assim, conforme menciona Horn (2004), um espaço nunca é neutro, pois nele estão intrínsecas as marcas e características dos sujeitos que o integram. A ideia anterior, amplia o conceito de espaço, aproximando-a de uma reflexão sobre o ambiente, o qual, de acordo com Forneiro (1998, p. 233) “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes”.

Afinal, em que consiste o ambiente escolar? A presente indagação, geralmente, permeia o dia a dia das instituições de Educação Infantil e, comumente, o ambiente é equivocadamente compreendido. Tomando-se como base as ideias de Horn (2017) o

ambiente escolar estrutura-se a partir das interações e subjetividades dos sujeitos que o integram. O pensamento da citada autora coaduna com as reflexões de Ceppi; Zini (2013), quando estes afirmam que as relações estabelecidas no ambiente, sejam elas, semelhantes ou opostas são fundamentais para a sua configuração. Para Forneiro (1998, p. 233) o ambiente escolar é

[...] um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferente.

Assim, partindo das reflexões dos autores anteriormente citados, percebe-se que as marcas e as subjetividades dos sujeitos, no caso deste estudo, dos bebês, são fundamentais para a concepção de um ambiente escolar. Deste modo, considerando-se que cada sujeito que integra a escola deixa as suas marcas e através de um processo de encontros, trocas e partilhas, estes tendem a ampliar os próprios saberes, o ambiente escolar apresenta-se como um potente lugar para a problematização e, conseqüentemente, construção do conhecimento.

Ao refletir sobre as relações existentes entre o espaço escolar e a construção do conhecimento, faz-se necessário mencionar Zabalza (1987, p. 121) quando este se refere ao espaço como uma “estrutura de oportunidades e contexto de aprendizagem e significados”. Dentro deste entendimento, revela-se o ambiente de aprendizagem que, de acordo com o pensamento de Zabalza (1987, p. 120-121) “constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, finalmente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das atividades formadoras”.

A partir das ideias apresentadas é importante salientar que apesar de possuírem suas próprias definições e características, espaço e ambiente, são conceitos que possuem íntimas ligações, sobretudo, quando direciona-se o olhar para a instituição escolar, visto que, os bebês ocupam os espaços, ampliam suas relações e constroem as suas aprendizagens. Refletir sobre a importância de um ambiente de aprendizagem, requer uma atenção especial não apenas para sua estrutura física, mas para os seus cômodos, mobiliários e, sobretudo, para os seus objetos, permanentes e/ou provisórios, afinal, são estes, associados ao olhar docente que poderão apoiar e fomentar as aprendizagens dos bebês. Neste entendimento, o espaço escolar configura-se como um ambiente de aprendizagem, através do qual, cada bebê, a partir das suas interações com os seus pares

e as suas explorações com os materiais oportunizados, de maneira autônoma e peculiar, possa expressar o “seu potencial, suas habilidades e sua curiosidade” (RINALDI, 2013, p. 127).

Considerando que os bebês são ávidos por novas e constantes descobertas e que as relações entre o ensino e a aprendizagem se fazem permanentemente presentes nas instituições escolares, acredita-se que o termo ambiente de aprendizagem seja o mais adequado para dar vida e significado às investigações dos bebês nas creches e berçários. A seguir, na próxima seção, com o intuito de dar continuidade as reflexões sobre a potencialidade do ambiente de aprendizagem, discutiremos sobre a seleção e organização dos materiais que o integram e apoiam as múltiplas experiências dos bebês.

O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DOS BEBÊS

Para Zabalza (2016) o ambiente de aprendizagem compõe uma rede de estruturas espaciais, de linguagens e de instrumentos, os quais podem possibilitar ou limitar as aprendizagens das crianças. O pensamento do citado autor vai ao encontro das ideias de Forneiro (1998, p. 255), quando esta reflete sobre a importância do ambiente de aprendizagem, ao mencionar que o referido ambiente possibilita a “criação de “cenários estimulantes”, que convidam a criança a aprender, a descobrir, a pesquisar”.

Refletir sobre as relações entre o ambiente de aprendizagem e a construção do conhecimento dos bebês, requer uma discussão acerca de alguns elementos essenciais para o trabalho com tal faixa etária, dentre eles enfatiza-se a visão pedagógica do docente e da instituição de ensino e, conforme será abordado na seção posterior, a seleção e a organização dos elementos que integram o citado ambiente. Deste modo, pensar sobre a importância de um ambiente que apoie e fomente a construção do conhecimento dos bebês, deve considerar os seus interesses, as suas necessidades, a busca pela sua autonomia e a sua permanente disponibilidade para novas descobertas.

Para Horn (2004), ao adentrarmos uma instituição de ensino, a partir da sua decoração e do tipo e da disposição do seu mobiliário, seremos capazes de perceber a sua concepção pedagógica. Forneiro (1998, p. 231) corrobora com as contribuições de Horn (2004), ao mencionar que ao observarmos os materiais presentes em uma instituição escolar, suas mobílias, sua decoração ou até mesmo “a presença ou a ausência desses

elementos, o modo de organizar tudo isso no espaço são mensagens que recebemos de uma maneira direta.

As ideias da autora supracitada fornecem indícios sobre as características identitárias de um ambiente de aprendizagem, pois são elas que em primeiro momento, expressarão as concepções pedagógicas compartilhadas no mesmo. Ao falar sobre a importância da identidade do ambiente, convém destacar a necessidade da comunidade escolar (bebês, professores e as famílias) durante todo o processo de construção do ambiente de aprendizagem, visto que

Os conceitos de construção e cooperação caracterizam a identidade da escola como um todo e geram mecanismos de ética que determinam a natureza das relações entre os envolvidos no projeto educacional.

Os familiares são incentivados a serem coautores de histórias e significados compartilhados com as crianças e professores; aqueles representam um componente essencial no processo educacional que é iniciado e desenvolvido dentro da escola (CEPPI; ZINI, 2013, p. 28).

Considerando que os bebês são seres ávidos por novos conhecimentos e, geralmente, aprendem a partir da potencialidade dos seus corpos, durante a construção de um ambiente de aprendizagem, pensar em um ambiente amplo, com materiais com diferentes características, organizado com um mobiliário que permita o livre acesso e amplas movimentações dos bebês, dispendo, também, de uma área verde, com elementos variados, parece-nos ideal. Desta forma, convém destacar que ao refletirmos sobre tal ambiente, o pensamos como um local capaz de fomentar, ampliar e ressignificar a construção do conhecimento dos bebês, trazendo, sempre, as principais características identitárias no mesmo.

Assim, enquanto o espaço escolar embasa-se em suas características estruturais, o ambiente de aprendizagem está associado com a qualidade, a diversidade e a estética dos materiais e dos elementos que o integram. Sendo assim, considerando a faixa etária dos bebês, é importante pensarmos em uma diversidade de materiais que fomentem e ampliem as suas aprendizagens, dentre eles, podemos destacar tecidos, instrumentos musicais, folhas, gravetos, painéis, água, tintas naturais, vegetais, garrafas e papéis em diferentes espessuras e tamanhos. Isto posto, e considerando a potencialidade dos corpos dos bebês, através de tais materiais, o professor tende a possibilitar que, gradativamente, estes percebam os limites e a potência dos seus próprios corpos, ampliem a própria linguagem, realizem os seus movimentos corporais de maneira autônoma, explorem materiais com distintas características, dentre outras muitas outras ações que tanto corroboram com a

construção das suas aprendizagens. Nesta perspectiva, o ambiente de aprendizagem se destaca como um lugar onde o bebê, através de suas investigações, sozinho ou com os seus pares, revela “seu potencial, suas habilidades e sua curiosidade” (RINALDI, 2013, p. 127).

As considerações face a uma nova imagem do bebê, a qual está associada com a sua competência e disponibilidade para novas e constantes descobertas deve se configurar como um dos principais pontos durante a construção do ambiente de aprendizagem. Logo, se enfatizamos que os bebês são seres competentes e que constroem o conhecimento, sobretudo, a partir das suas, livres, experimentações e sempre visando evitar-lhes o perigo, mas entendendo que as livres explorações são fundamentais para as suas investigações, necessitamos, sempre, nos portar como observadores atentos, selecionando e cuidando de todos os materiais que oportunizamos para eles, mas, possibilitando que os explorem de maneira peculiar. Como apoio para tal reflexão, faz-se necessário destacar que:

O aprendizado faz parte, portanto, e, sobretudo, do livre-arbítrio de cada aprendiz. O contexto, definido e determinado pelas relações e interações com o outro, e portanto também com o ambiente (espaços, móveis, cores, iluminação e sons), determina as possibilidades e características do processo de aprendizagem que cada indivíduo escolhe produzir dentro deste contexto e graças a este contexto (CEPPI; ZINI, 2013, p.26).

Deste modo, torna-se importante salientar que ao pensar sobre a construção de um ambiente de aprendizagem para os bebês faz-se necessário a oferta de um ambiente limpo, organizado, com uma pluralidade de materiais, sempre, ao fácil alcance dos bebês. Assim, considerando que os bebês, geralmente, exploram o mundo através da potencialidade dos seus corpos e constantemente estão se movimentando, andando ou engatinhando por todo o espaço, a construção de um ambiente de aprendizagem deve favorecer a liberdade, possibilitando as ações com bastante movimento e repouso, revelando assim toda a sua pluralidade (Forneiro 1998).

Ainda refletindo sobre a importância do ambiente de aprendizagem para os bebês, destacamos os estudos de Vecchi (2013) ao falar sobre a potencialidade do chão para a construção do conhecimento de bebês, visto que a sua amplitude “oferece possibilidades intermináveis. As crianças engatinham por ela; usam-na para acariciarem-se; para deitar, sentar, correr e deslizar; e cobrem-na com outros materiais” (VECCHI, 2013, p. 139).

Assim como o uso do chão, seja ele da sala de referência do grupo, ou do pátio da instituição, as paredes também oferecem grandes possibilidades de experimentações para os bebês. Deste modo, potencializar as paredes, seja com a fixação de espelhos ou elementos que despertem a curiosidade dos bebês, ao exemplo de tecidos, suas fotografias, garrafas com água coloridas, dentre outros materiais que fomentem e ampliem as suas experiências sensoriais, tende a caracterizar o ambiente escolar como um potente ambiente de aprendizagem, o qual evidencia distintas características se comparado a um ambiente projetado apenas na perspectiva do adulto. Nas palavras de Ceppi; Zini (2013, p. 18):

É possível projetar espaços de uma maneira diferente da tradicional: espaços que são mais agradáveis e flexíveis, menos rígidos, mais acessíveis para infinitas experiências. O ambiente é visto não como um espaço monológico estruturado de acordo com um padrão formal e uma ordem funcional, mas como um espaço no qual as dimensões múltiplas coexistem, até mesmo as opostas.

A partir das reflexões de Ceppi; Zini (2013) podemos salientar que a construção de um ambiente de aprendizagem não é uma tarefa simples, porém, possível. Assim, à medida que nos afastamos de concepções pedagógicas que limitam as experiências dos bebês e consideramos que “nos primeiros anos de vida, uma criança precisa ver, tocar, ouvir, provar gostos, sentir cheiros, brincar, explorar, experimentar e, acima de tudo, sentir-se amada” (VECCHI, 2013, p. 141), cedemos espaço para a construção de um ambiente de aprendizagem que, a partir dos interesses e necessidades dos bebês e da organização e da disponibilidade de diferentes materiais, tende a, conforme será abordado na próxima seção, apoiar bebês nas mais significativas aprendizagens.

A IMPORTÂNCIA DA SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS EM UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM PARA OS BEBÊS

Considerando que o ambiente escolar, de acordo com as reflexões de Forneiro (1998) constitui-se como um elemento curricular, capaz de fomentar o potencial investigativo e, conseqüentemente, possibilita variadas experiências para os bebês, faz-se necessário pensar criteriosamente sobre os materiais e os mobiliários que o constituem. Para Rinaldi (2013, p. 126) uma atenção cuidadosa deve ser destinada durante a seleção dos materiais que compõem o ambiente escolar, entendido nesta produção como um ambiente de aprendizagem, já que as suas marcas e utilizações dão ao ambiente a

característica de um “organismo vivo” que pulsa, muda, transforma-se, cresce e amadurece”, possibilitando variadas experiências para os bebês.

Dentro do pensamento da Rinaldi (2013), a qual percebe o ambiente da infância a partir de suas características estética, ética e educadora, o ambiente de aprendizagem deve ser pensado, problematizado e organizado por seus principais protagonistas: as crianças, os professores e as famílias. Nesta perspectiva, a seleção dos materiais, tende a contemplar os elementos culturais de um determinado local, possibilitando que os bebês, construam aprendizagens ricas, contextualizadas e significativas “como uma fórmula estimulante da vida” (ZORDAN, 2005, p. 267).

Além de revelar as características identitárias de uma comunidade, o ambiente de aprendizagem torna visível as concepções de ensino de uma comunidade escolar e à medida que contempla os interesses dos bebês, fornece-lhes novas oportunidades, ou seja, novos conhecimentos. Horn (2004) ao aludir que o ambiente revela as concepções de ensino das instituições escolares, não apenas coaduna com as contribuições de Rinaldi como atribui para o corpo docente da instituição dedicada a Educação Infantil, a função de selecionar, organizar e retroalimentar o ambiente de aprendizagem. Nesta perspectiva, refletir sobre a importância de um ambiente de aprendizagem, requer uma atenção especial não apenas para sua estrutura física, mas para os seus cômodos, mobiliários e, sobretudo, para os seus objetos, permanentes e/ou provisórios, pois são estes, associados ao olhar docente que poderão apoiar e fomentar as aprendizagens dos bebês.

Assim como Horn (2004), Vecchi (2013), amplia as contribuições de Rinaldi (2013) ao afirmar que as crianças, a partir da própria capacidade criativa e imaginativa, possuem a competência de recriar os materiais e o mobiliário que compõem o ambiente de aprendizagem, atribuindo-lhes novas utilizações e, conseqüentemente, novos significados, pois segundo Bassi (2006, p. 17) “é importante levar as crianças a dialogar com o material, aprendendo a conhecer a identidade da matéria”. Desta forma, à medida que as crianças e, no caso da presente produção, inclui-se, também, os bebês, ao passo que estabelecem diferentes relações com o ambiente de aprendizagem, o ressignificam, explorando os materiais através dos seus próprios olhares, desejos e conhecimentos que, muitas vezes, ampliam e problematizam as ideias iniciais, ou seja, o planejamento docente.

A seleção e a organização de um ambiente de aprendizagem conforme menciona Forneiro (1998, p. 262) concretiza “as intenções educativas e o método de trabalho de

uma instituição escolar, no caso deste estudo, citamos as creches. Sendo assim, considerando que os bebês estão começando a dar os seus primeiros passos, um olhar face a disposição dos móveis que integram o berçário, torna-se fundamentalmente necessário, visto que, a sua acessibilidade fomentará o potencial autônomo dos bebês, realidade que, de acordo com Forneiro (1998, 258):

Tanto o mobiliário como os materiais devem ser acessíveis às crianças para que elas possam usá-los sozinhas.

Além de favorecer o desenvolvimento autônomo da criança, isso permitirá aos professores (as) uma maior liberdade de ação para trabalharem com grupos pequenos, atenderem demandas individuais ou oferecerem ajuda. Permitirá também que o professor (a) dedique o seu tempo a observar a atividade e o comportamento dos alunos (as) nas diferentes áreas.

Deste modo, percebendo os bebês como seres criativos, competentes e ávidos por novas descobertas, faz-se necessário que o espaço do ambiente de aprendizagem, sobretudo, da sala de referência, a qual, constitui-se como o lugar que guarda as principais marcas do grupo de bebês, convide-os a interagir, a pesquisar e a descobrir. Neste ponto, mencionamos Ceppi; Zini (2013) que, ao refletirem sobre a construção do conhecimento dos bebês, ressaltam o a importância da manipulabilidade de materiais, simplicidade local e a complexidade global. Os conceitos denominados pelos estudiosos centram-se na potencialidade, riqueza e diversidade dos materiais que constituem o ambiente de aprendizagem.

Assim, segundo os autores supracitados, “é o ambiente como um todo, e não cada parte em particular, que deve oferecer uma ampla variedade de percepções sensoriais” (CEPPI; ZINI, 2013, p. 87). Os mesmos autores, seguem refletindo sobre a importância da seleção e organização dos materiais em um ambiente de aprendizagem, enfatizando a importância dos diferentes estímulos táteis. As reflexões de Ceppi; Zini (2013) dialogam com esta produção, pois conforme menciona Horn (2017) o bebê aprende a partir da sua potencialidade corpórea e o trabalho com a sua corporeidade, através “multiplicidade tátil” citada por Ceppi; Zini (2013, p. 86), tende a proporcionar-lhe significativas aprendizagens. Assim sendo,

[...] os diferentes estímulos não devem estar camuflados e misturados em uma situação de ambiguidade. Em outras palavras, a experiência tátil é mais agradável e compreensível quando realizada no ritmo certo; por exemplo, um determinado ambiente com um abajur de papel, uma folha de material translúcido em resina plástica, uma pedra completamente lisa e, a uma distância “apropriada”, uma pedra talhada grosseiramente, produz uma experiência mais rica que um instrumento didático único que contenha todas

as experiências táteis: liso, áspero, transparente, opaco, frágil e assim por diante [...] O objetivo é construir um ambiente no qual as partes individuais possam ter características próprias, mas que produza um “estado emergente” global rico e expressivo (CEPPI; ZINI, 2013, p. 87).

Face ao exposto, podemos considerar que o ambiente de aprendizagem, deve oportunizar “materiais que propiciam diferentes sensações táteis, incluindo materiais mais “naturais (madeira, borracha, fibras, papel, etc.) e outros mais “artificiais” (linóleo, laminados, metais, resinas, etc.) (CEPPI; ZINI, 2013, p. 86). Rinaldi (2013, p. 126), ao refletir sobre a relevância dos materiais que constituem o ambiente escolar, vai ao encontro com as ideias de Ceppi; Zini (2013) quando menciona a importância da ação do tempo nos materiais que integram o ambiente de aprendizagem, visto que, para a autora “seria angustiante ter um espaço repleto de materiais “estéreis”, impermeáveis ao tempo e ao desgaste, apesar de que obviamente deveria ser dada a atenção devida à manutenção e higiene”. Deste modo, vale ressaltar que o desgaste dos materiais evidencia as múltiplas experimentações dos bebês, além de resguardar a memória do ambiente.

Malmann (2015, p. 68) ao refletir sobre a potencialidade dos materiais que compõem o ambiente de aprendizagem, menciona que estes são “materiais que exprimem possibilidades e experiências sensoriais/sensíveis”, logo devem ser oportunizados, aos bebês, desde os seus primeiros meses de vida. Desta forma, materiais com diferentes características devem integrar o dia a dia das instituições de Educação Infantil, visto que, de acordo com Holm (2005, p. 9) “as crianças não deveriam ser preparadas para um tipo determinado de vida; deveriam sim receber ilimitadas oportunidades de crescimento”.

Face as reflexões anteriores, podemos enfatizar que a seleção, a diversidade e a organização dos materiais que integram o ambiente de aprendizagem são ações que estão diretamente associadas com as aprendizagens dos bebês e com as concepções de ensino da equipe docente de uma instituição escolar. Assim, considerando que, contemporaneamente, muito se discute sobre a postura protagonista dos bebês, assim como, sobre a sua postura investigativa e o seu constante desejo por novas descobertas, o ambiente de aprendizagem configura-se como “uma oficina de pesquisa e experimentação, um laboratório para o aprendizado individual e em grupo, um local de construtivismo (CEPPI; ZINI, 2013, p.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemporaneamente, as reflexões acerca da importância do ambiente de aprendizagem são constantes e acentuadas, sobretudo, face as posturas investigativas dos bebês. Se, há algumas décadas atrás, as instituições de ensino, percebiam os bebês como seres que apenas necessitavam de alimento e cuidado físico, atualmente, os bebês são considerados como seres de direitos e que possuem significativas potencialidades durante a construção da própria aprendizagem.

Considerando que os bebês são seres que experimentam o mundo a partir da potencialidade dos seus corpos, um ambiente com materiais com diferentes características deve ser o foco das instituições que se dedicam ao trabalho com bebês e crianças. O ambiente de aprendizagem, a partir da seleção, organização e disponibilização dos materiais, do mobiliário, assim como, da liberdade concedida aos bebês para as suas múltiplas investigações, tende a se configurar como um dos principais elementos para a construção do conhecimento. Dentro desta perspectiva e considerando que o ambiente de aprendizagem revela as características identitárias de uma comunidade escolar, sobretudo, dos bebês, das suas famílias e do corpo docente da instituição escolar, a sua prévia organização e decoração deve ser evitada.

Desta forma, ao longo do semestre ou do ano letivo, a partir dos interesses e das necessidades do grupo, o professor necessita organizar e/ou retroalimentar o ambiente de aprendizagem, objetivando a ampliação do conhecimento dos bebês. Ao falarmos em ambiente de aprendizagem direcionamos o nosso olhar para toda extensão das instituições de ensino, pois, geralmente, os bebês apenas vivenciam a sua própria sala de referência e o parque da instituição. Contudo, se acreditamos no ambiente de aprendizagem como um local potente e que possibilita diversificadas experiências para quem o explora, limitar os bebês aos ambientes mencionados, não pormenorizaria as suas aprendizagens?

Conforme abordado ao longo desta produção, a construção do conhecimento dos bebês possui uma relação diretamente proporcional com a pluralidade, potencialidade e disponibilidade dos elementos e materiais que constituem o ambiente de aprendizagem. Construir um rico ambiente, mas limitar ou permanentemente direcionar as ações dos bebês, condicionando-os aos desejos e interesses dos adultos, não apenas inibe a postura investigativa dos mesmos como os afasta do desejo pela descoberta tão latente durante a infância.

Deste modo, se desejamos que os bebês realmente tenham uma infância plena e significativa, baseada em seus próprios interesses e necessidades necessitamos inserir a

investigação como o centro das relações entre o ensino e a aprendizagem nas instituições escolares. Assim, nos afastaremos das salas temáticas, previamente decoradas pelos professores, concedendo espaço para um ambiente rico e diversificado que possibilite variadas experiências sensoriais e interacionais, de modo que os bebês se sintam permanentemente desafiados a realizarem suas próprias descobertas e, conseqüentemente, sintam-se convidados a construir, ampliar e ressignificar os seus próprios conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- 272, jul./dez. 2005. Tema do fascículo: Dossiê Arte e Educação. Arte, Criação e aprendizagem. Acesso em: 18 abr. 2018.

BASSI, Lanfranco. **As crianças não separam experiência e saber.** Pátio – Educação Infantil: Documentação Pedagógica, Porto Alegre, v.4, n.12,p.16-19, nov./fev.2006.

CEPPI, Giulio; ZINI, Michele (org.). **Crianças, espaços e relações:** como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso: 2013.

CORSARO, William A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares.** In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida Carvalho (Orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez Editora, p. 31-50, 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** Revista Educação & Sociedade, Campinas, n. 79, p. 257-272, Ago, 2002.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização dos espaços na Educação Infantil.** In: Zabalza, Miguel A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, p. 229-281, 1998.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar Arte.** Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil.** Porto Alegre: Penso, 2017.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MALLMANN; Elisete. **Materiais potencializadores e os bebês-potência:** possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117756?locale=pt_BR. Acesso em: 14 abr. 2018.

RINALDI, Carla. **O ambiente da infância.** In: CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. Crianças, espaços e relações: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização no Brasil** – O Estado do conhecimento. Brasília: INEP/MEC, 1989.

VECCHI, Vea. **Que tipo de espaço para viver bem na escola?** In: Giulio; ZINI, Michele. Crianças, espaços e relações: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso: 2013.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da mente**. São Paulo: Martins Cortez, 1984.

ZABALZA, Miguel Angel. **Didáctica de la educación infantil**. São Paulo: Cortez; Madri: Narcea, 2016.

ZORDAN, Paola. **Arte com Nietzsche e Deleuze**. In: Educação & Realidade, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 30, n. 2, p. 261

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 21/10/2022